SOJA

O MERCADO INTERNACIONAL DA SOJA E SEUS DERIVADOS ATINGE SUA FASE DE MAIOR NERVOSISMO EM JULHO E AGOSTO, ÉPOCA EM QUE SE DEFINE A SAFRA NORTE-AMERICANA. NO BRASIL, DURANTE O PRIMEIRO SEMESTRE DESTE ANO, SUSPENDEU-SE E REABRIU-SE VÁRIAS VEZES O REGISTRO DE VENDAS, RESULTANDO EM MENOR RECEITA DE EXPORTAÇÃO E PREÇOS ALTOS NO MERCADO INTERNO.

Em 1984, a produção dos **EUA**, responsável por cerca de 2/3 da oferta mundial de soja em grão, deverá recuperar-se do fraco desempenho da última safra (43,4 milhões de t), tendo o Departamento de Agricultura (**USDA**) estimado que serão produzidas 55,1 milhões de t, no ano agrícola de 1984/85.

Como é natural, vigoram no momento muitas indefinições. Os dados, levantados até 1º de junho pelo **USDA**, indicam um crescimento da área plantada de 7,7% sobre os 25,6 milhões de ha de 1983. Posteriormente, chegaram notícias de que áreas de soja e milho foram perdidas por excesso de chuvas em algumas regiões, e de que houve um aumento das precipitações pluviométricas em locais anteriormente secos. Caso se confirmem estas notícias, poderão ocorrer alterações na área a ser colhida, em relação às projeções iniciais.

Doravante, o ponto-chave para a evolução do mercado será, sem dúvida, o rendimento físico médio, a ser alcançado pelas lavouras norte-americanas, o que faz com que cada boletim meteorológico seja aguardado com grande ansiedade pelos interessados no mercado, de vez que a dimensão da safra dos **EUA** determina a faixa de preços em que a soja, seus derivados e mesmo as outras oleaginosas serão comercializados nos próximos meses.

Desde fins de maio, as cotações internacionais do complexo soja vêm apresentando acentuada queda, como conseqüência principalmente da recuperação da produção de óleo de palma na Malaísia, cuja escassez havia causado um expressivo aumento nos preços dos demais óleos vegetais. Efetivamente, o preço médio do óleo de soja alcançou US$ 854/t em **Decatur, EUA**, em maio deste ano, contra US$ 441/t, um ano antes. Declinou desde então, tendo-se situado no patamar dos US$ 780/t, em junho, e em US$ 668/t, em 12 de julho.

A tendência do mercado internacional, de agora em diante, será, salvo novos desastres climáticos, um enfraquecimento da pressão sobre os preços do grão, motivado pela escassez de óleo. Por outro lado, isso poderá representar um fortalecimento relativo da posição do farelo, uma vez que a moagem para a obtenção do óleo deverá diminuir, o que provocará uma redução da oferta, hoje abundante, do farelo de soja.

Isso, entretanto, não é tudo. Para que o farelo passe a liderar um movimento de alta dos preços do complexo soja, é necessário que sua demanda seja reativada de alguma forma. Existem, contudo, alguns fatores importantes impedindo que isso aconteça.

". . . o governo norte-americano decretou novas medidas para atrair capitais aos EUA . . ."

QUADRO 09 – BRASIL – EXPORTAÇÕES DE SOJA EM GRÃO, FARELO E ÓLEO NO PRIMEIRO SEMESTRE – 1983–84 (em 1.000 t)

PRODUTO	1983	1984	Δ%
Soja em grão	972	742	–24
Farelo	4.492	3.133	–30
Óleo	543	386	–29

FONTES – Cacex e SGC do Brasil.

O primeiro deles é o persistente fortalecimento do dólar frente às demais moedas, encarecendo, de maneira acentuada, os preços das **commodities** adquiridas pelos países europeus, no exterior. A esse respeito, não se podem vislumbrar mudanças a curto prazo, pois recentemente o governo norte-americano decretou novas medidas para atrair capitais aos **EUA** e, com isso, o dólar atingiu, nos mercados europeu e japonês, suas maiores altas dos últimos dez anos.

Em segundo lugar, a demanda soviética por farelos tem-se reduzido neste ano comercial. As compras da **URSS**, que atingiram 2,3 milhões de t no período entre outubro de 1982 e junho de 1983, restringiram-se a apenas 850 mil t, no mesmo período de 1983/1984.

A atual safra soviética de grãos, fundamental na determinação das quantidades de farelos proteínicos a serem importadas, está estimada em 195 milhões de t, quantidade semelhante à das últimas safras. Além disso, o comportamento dos sovié-

ticos nos mercados internacionais de **commodities** é muito imprevisível.

Finalmente, a retração da produção de aves e suínos nos **EUA** e **CEE** e a decisão da Comunidade de reduzir sua produção de leite resultam necessariamente em menor consumo de farelos.

Do ponto de vista dos produtores e exportadores brasileiros, esse quadro é pouco animador. As condições do mercado internacional têm acarretado uma queda sistemática dos preços do farelo de soja (Gráfico 03), desde agosto de 1983. Em 11 de julho, por exemplo, o **USDA** rebaixou sua estimativa da cotação média do farelo, para o ano comercial 1984/1985, de US$ 198/t para US$ 176/t.

No primeiro semestre de 1984, as vendas brasileiras de soja em grão, farelo e óleo declinaram 24%, 30% e 29%, respectivamente, em relação ao ano anterior. A **CEE** e a **URSS**, em conjunto, foram responsáveis, quase que integralmente, pela redução ocorrida nas exportações de farelo.

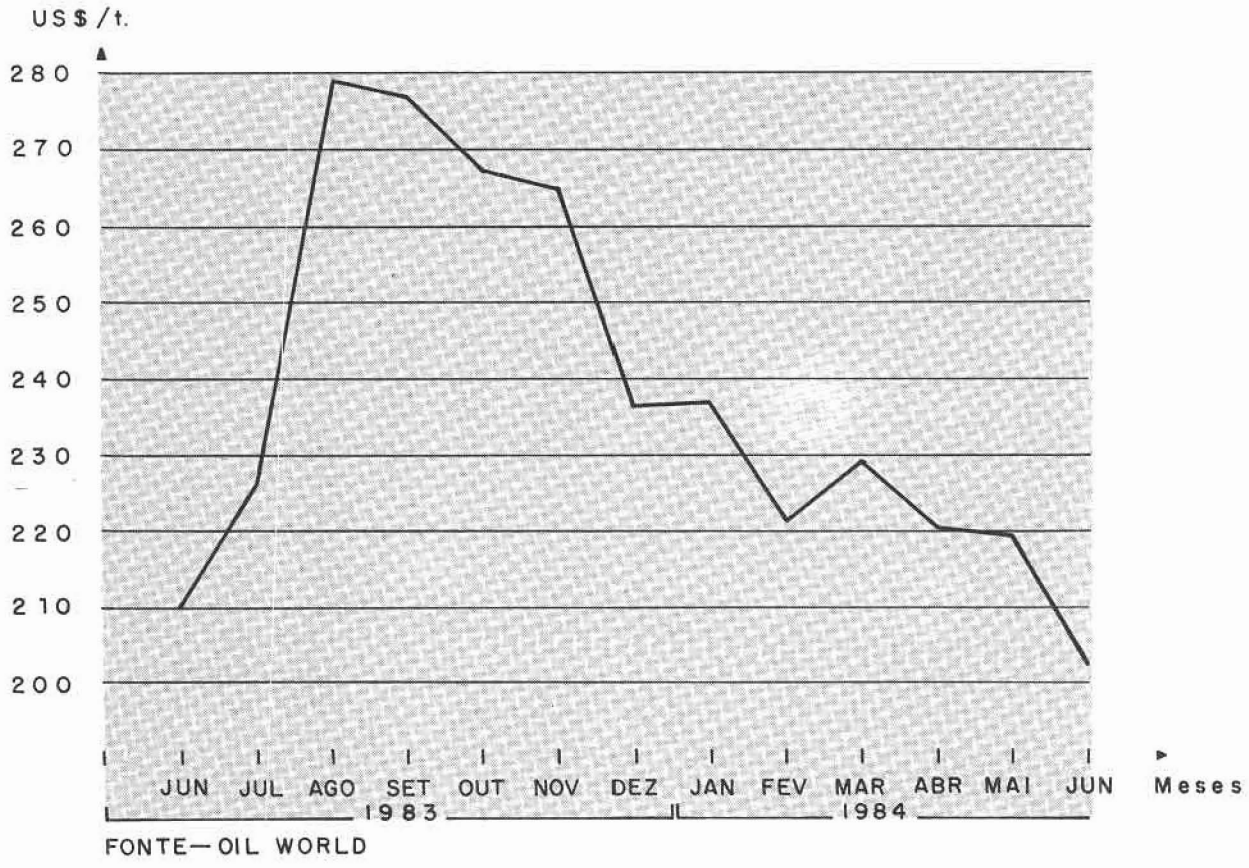
". . . a política traçada para a soja tem primado por mudanças constantes."

No plano interno, a política traçada para a soja tem primado por mudanças constantes. A título de resguardar os interesses do país, tanto no que concerne ao ingresso de divisas, como ao atendimento da demanda interna, suspendeu-se e reabriu-se inúmeras vezes o registro de vendas. Independentemente do acerto ou não das razões alegadas para a suspensão das exportações, o resultado concreto provavelmente acabará sendo a obtenção de uma menor receita de exportação do complexo soja. Com efeito, se o mercado internacional de farelo esteve fraco, o de óleo esteve bastante aquecido e, apesar do aumento de 7% na produção brasileira de soja, venderam-se, no primeiro semestre deste ano, 150 mil t de óleo a menos do que no mesmo período de 1983 (ver Quadro 09).

No plano interno, o **abre-e-fecha** dos registros também não beneficiou o consumidor, uma vez que os preços do produto refinado, no mercado atacadista de São Paulo, aumentaram 481%, entre maio de 1983 e maio de 1984.

FARELO DE SOJA – PREÇOS MÉDIOS MENSAIS EM ROTERDÃ
JUN. 83 / JUN. 84

GRÁFICO 03



FONTE— OIL WORLD